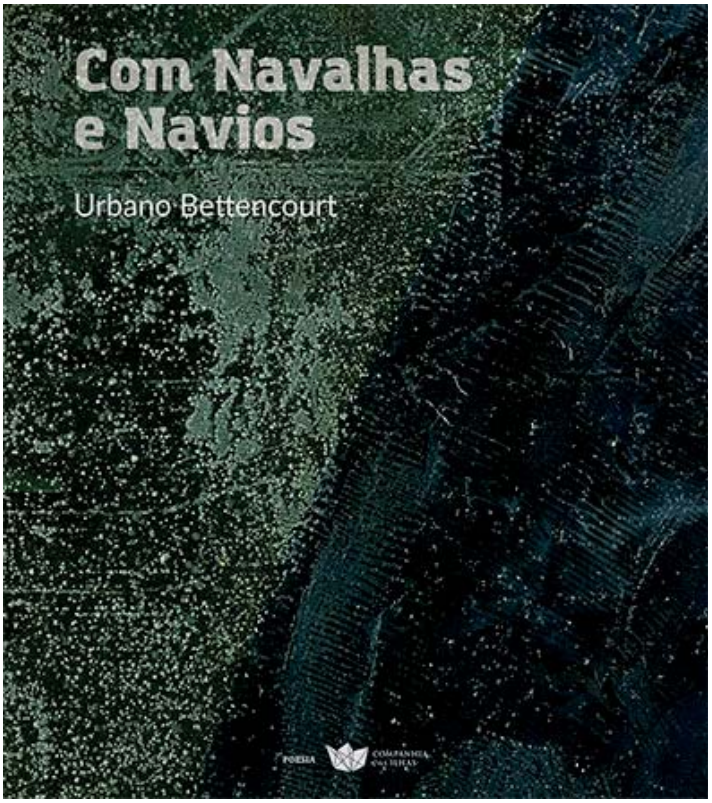
## A propósito de Navalhas e Navios

# Considerações sobre a poética de Urbano Bettencourt

LEONARDO SOUSA




Conta-se que, ao deparar-se com um exemplar de *Outros Nomes Outras Guerras*, deitada ao prelo pela Companhia das Ilhas em 2013, alguém confundiu a antologia de poemas de Urbano Bettencourt com um passaporte. Tratava-se, pois, de um objecto de tal forma discreto, de tal forma despojado de aparato, uma selecção de poemas que reduzira a pouco mais de quarenta páginas uma obra que percorre meio século, que a ninguém se poderia atribuir culpa pelo equívoco. Seria mesmo um equívoco? Face à transformação de um motivo antológico num objecto de bolso, pondera-se se aquele que se enganou não terá, na verdade, sido certeiro na sua sentença.

Seis anos depois, com carimbo ainda da mesma editora sediada na ilha do Pico, da qual o poeta é também oriundo, será mais difícil fazer a mesma analogia. *Com Navalhas e Navios* acrescenta poemas a quase todos os livros antologiados e introduz novas sequências que haviam sido excluídas de *Outros Nomes Outras Guerras*. Longe, contudo, de meramente engordar o volume, esta mais recente colectânea confirma a harmonia, a coerência, a consistência, do trabalho poético de Urbano Bettencourt, quando muito alargando a diversidade formal das suas manifestações. Por outro lado, se sobrevivem apenas dois poemas de *Raiz de Mágoa* (1972), assinalando o mesmo apuro criterioso, indicando por si só estarmos perante uma reflexão crítica em torno de uma produção certamente mais vasta, é também igualmente verdade que as linhas temáticas e formais desta poética podem ser identificadas já nas primeiras composições.

Em "Quadras da Ilha", a "mágoa de estar vivo/ de estar vivo junto ao mar/ com meus olhos de partir/ em meu corpo de ficar" constitui desde logo uma representação da vivência insular, ritmada ao gosto popular, isto é, inserindo-se formalmente no âmbito de uma experiência comum a um colectivo; do ponto de vista temático, na tradição literária açoriana, a "dor de ser cais" traduz o conflito colectivo da viagem, da partida de um lugar materno cercado por fronteiras marítimas, em tempos de impossível transposição, e que, dizem os mitos, nos insulares resulta numa experiência existencial persistentemente melancólica aonde quer que se fixem, situada entre o desejo de novos caminhos e a latente consciência de que "os barcos desejados/não regressam nunca mais".

Os poemas de Urbano Bettencourt viriam sempre a reencontrar-se com esse diálogo entre um sujeito e os tempos e os espaços que atravessa. Ele, porém, demarca-se, coloca-se na posição de quem constantemente revê as circunstâncias da sua acção e afirma, com certa distância, a sua voz individual. Isto é visível em versos como, no poema seguinte, "Mafra é Mafra/ e eu sou livre"; ou: "não pretendo lançar no futuro/a minha história que os outros construíram". A liberdade, aqui, circunscreve-se aos limites – geográficos, históricos, culturais – a que ninguém pode escapar, por melhor que se iluda. A consciência individual dessa liberdade chega-lhe, afinal, carregada de memórias que pertencem também a outros – e só detrás desse pano, nos bastidores, o indivíduo se reconhece, "por detrás da máscara/ (...)/despido".

Tal não significa que o sujeito não procure um olhar autónomo (lembra-nos: "nem porei a cabeça no alvo que procuras") - a dicotomia entre si e o colectivo e, daí, a representação vívida, por vezes crua, da guerra colonial, a "persistência da memória" que, por via do acto poético, se transfigura, nisto abarcando a experiência dos lugares – que se estendem das ilhas açorianas, às ilhas de Cabo Verde, à Guiné, a Lisboa – e a experiência dos tempos históricos – desde o Estado Novo, atravessando a revolução dos cravos e desaguando já nos nossos dias de estabilidade (?) democrática –, são motivos que sempre habitam as estruturas da obra aqui em visita. Fortificam-se e diversificam-se os seus meios, a sua forma de canto, mas manifesta-se o que sempre se pode entender como a mesma matéria poética. Trata-se da revisitação, da melancolia retrospectiva de quem se ressente do peso das incontáveis folhas rasgadas do calendário, do efeito da passagem do tempo que "sobre os corpos actua e se transmuta, neles depondo/os resíduos" e dos quais sobra meramente "a intocável poeira das palavras", ela própria agente de transposição da memória que, no último poema do livro, nos surge como uma "arte de montagem". Uma fotografia torna-se o mecanismo que serve "a pequena glória do técnico": "a de inventar-lhes uma história/ anulando a distância que vai de um natal dele/ sobre o Sado, em 70,/ à ilha dela e a um outro estúdio/ que o tempo baniu do mapa da cidade".

Nisto imiscui-se um tom elegíaco, mas não necessariamente - ou explicitamente - trágico. Mesmo quando se o pode intuir, sobressai-lhe frequentemente o pendor irónico, ainda quando assuma contornos dolorosos. Em "Baía do Canto" pode ler-se: "dizia/ meu avô que das figueiras colhesse/ o fruto, nunca a sombra. Morreu dependurado numa". Perpassa um tom desencantado por uma vasta parte desta poética, que se dirige ao espectro das promessas e dos sonhos por cumprir ("Castos até no incesto alguns de nós perderam/a fé a esperança em vinhas prometidas"), que invoca âmbitos sociais e políticos ("os estivais calores de 75", numa elegia dirigida aos "turistas que pastam ao sol poente"), ou que se resigna a este que talvez seja, ainda assim, "o melhor dos mundos" – mais não seja porque é o único.

Este "Agostos", que conduz o leitor de um Agosto longínquo, de uma paisagem vívida de guerra, até um Agosto presente, onde uma tranquilidade exterior - que o discurso poético, com a sua serena gravidade, reflecte eximiamente - "vibra nos telhados" e "as guerras trazem outros nomes,/outros donos", é representativo do esplendor desta voz, que intersecta memórias, cruza tempos e espaços díspares, fazendo-as confluir em construções líricas onde não deixam de se envolver o gosto pelo comentário alusivo e pela assonância, nelas operando reflexões de inclinação céptica e/ou pessimista. Decerto porque a memória é ainda macerada pelos fantasmas de uma guerra que, se aparentemente terminou, legou inesquecíveis marcas a quem a viveu. Em *Remuniciar o Tempo*, temos disso exemplos vários: a mulher que, "violada pela milésima vez", permanece "teimosamente virgem"; o poeta que "aborta os versos de gerações massacradas"; os companheiros com os quais perdeu tudo "excepto o instinto animal de gatilhar". Quando se reencontra com Bolama, em *Algumas das Cidades*, a raiva, o "cansaço de estar nu", que se lêem nos poemas da Guiné, décadas antes, são invocados com ironia e até, surpreendentemente, com humor: "Tenho viajado muito/nem sempre na melhor altura". A viagem, o lugar que se vivenciou ou o lugar onde se está e se confunde com a memória de outro, é, com frequência, nos poemas deste autor, o ponto de partida para a composição poética. Porque o poema "afronta a erosão do gesto" - recupera, por via da imagem, do ritmo, do som, uma circunstância temporal ou espacial, registando-a segundo uma língua comum a todos nós, mas individualizada. Gera-se, assim, um discurso ou um canto que, para o leitor, se torna um passaporte para o universo que procura reportar e transformar.

Como assinala Vamberto Freitas, a poesia de Urbano Bettencourt, ainda assim, "requer o nosso reencontro de tempos a tempos" – a leitura que dela fazemos adensa-se e adquire novas ligações entre si. Reconhecem-se-lhe diálogos com Camões, com Emanuel Félix, com Santos Barros, com Nemésio, quer explicitamente quer ao nível da construção, mas que sempre confirmam a unidade fundamental, orgânica, da voz que nos conduz do primeiro ao último poema de *Com Navalhas e Navios.* Ainda espaço haveria para se discorrer sobre a influência que Eros (como relembra Carlos Bessa no prefácio) exerce sobre esta obra. Sobretudo na forma como se religam as ideias de casa, natureza e ventre, a atribuição à palavra de uma função fertilizadora (por exemplo, o verbo "penetrar" ressurge assiduamente) resulta frequentemente numa composição na qual o "marinheiro com residência fixa" recupera e reconstrói os lugares, as sombras, os afectos, que atravessaram a sua existência e (des)orientam o seu sentido.

# Arquimedes disse: "Dê-me uma alavanca e um ponto de apoio e eu levanto o mundo"

CRISTINA TAVARES

Hoje não vou dizer muito pois a frase acima diz tudo.

Apenas faço as seguintes questões?

Qual o mundo que queres levantar? Em que consiste e em que se resume?

Qual o teu ponto de apoio e qual a tua alavanca?

Define um objetivo.

Escolhe quatro competências tuas que te ajudam a alcançar esse objetivo. Elege a competência alavanca, aquela que se trabalhares leva as outras atrás.

Depois define o teu ponto de apoio. Traça um plano de ação para desenvolveres essa competência.

Boa caminhada!